

DO MOSAICO HUMANO AOS COADJUVANTES EMPOEIRADOS: Uma análise da vila de Rio Pardo no período de 1755-1761

NATHAN SANTOS ROLIM¹;
PAULA CORRÊA HENNING².

¹Universidade Federal do Rio Grande – nathanrolim@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – paula.c.henning@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a composição étnica e social da vila de Rio Pardo, no contexto colonial, durante a metade do século XVIII, pretendendo compreender a formação do território e a importância da imigração na história do Rio Grande do Sul. Através da análise de registros públicos eclesiais, sobretudo, no que se refere ao primeiro livro de batismos, objetivou-se caracterizar os sujeitos componentes dessa sociedade e seus locais de origem. O mosaico humano dos coadjuvantes, esquecidos nas prateleiras dos arquivos, ganha o papel principal para dar vida a essa narrativa que permeia e situa a contribuição açoriana para a formação de uma identidade sociocultural.

A bibliografia que trata do tema específico da Vila de Rio Pardo é escassa – talvez inexistente, pois não se localizou análises populacionais referentes à época. Portanto, para embasar o trabalho, se utilizaram livros de *História do Rio Grande do Sul*, de escritores renomados, como Moacyr Flores, Dante de Laytano, entre outros, numa tentativa de preencher a lacuna da formação da população rio-pardense e, sobretudo, da composição étnica açoriana referente à mesma localidade. O artigo se propõe a validar um novo olhar analítico para um dos primeiros municípios do Estado do Rio Grande do Sul, no contexto colonial.

2. METODOLOGIA

Na tentativa de compreender os impactos da vinda de ilhéus para o Rio Grande do Sul, influenciando na formação de novas camadas sociais, especificamente na vila de Rio Pardo, que começa a ter uma habitação efetiva, é que se fez uma análise documental minuciosa dos registros populacionais ou públicos de batismos do primeiro livro da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, no período compreendido entre 1755 a 1761. O uso desses registros como fontes históricas são usuais, e de extrema importância, para remontar a sociedade colonial e seus eixos de desenvolvimento, que assim como nos propõem PINSKY (2012, p. 13), “fato e documento histórico demonstram nossa visão atual do passado, num diálogo entre a visão contemporânea e as fontes pretéritas”. Logo, através de fonte documental histórica e do procedimento de coleta de manuscritos que se realizou a metodologia da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vila de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo foi uma das primeiras localidades a ser cenário de pouso, estadia e/ou fixação dos casais, que, apesar de possuírem registros na localidade, não necessariamente indicam a

residência em longo prazo dos mesmos, acostumados a uma “vida em trânsito”. E, tendo localização privilegiada no centro dos domínios luso-espanhóis, seria importante entreposto de passagem.

Toda vila ou município era necessariamente composto pela sua igreja, pertencente ao domínio de algum bispado, que no caso de Rio Pardo, era o do Rio de Janeiro. O caráter da igreja era de extrema importância para o desenvolvimento da vida em sociedade, onde tudo girava em torno da moral cristã. A igreja era a responsável pela efetivação da sociedade civil, ou seja, que impunha os dogmas a serem seguidos e a realização de atos que demonstrassem o caráter religioso de cada família, obtendo assim o controle, tal como faz o Estado no século XXI, o que justificaria o recolhimento de dados, em atos como os de batismo, crisma, matrimônio, óbito (através de missas rezadas), entre outros realizados na época. Bem preservado, o primeiro livro paroquial de batismo, foco da pesquisa, guarda a história de 262 registros de nascimentos de filhos de 200 casais, tão somente de açorianos, mas de uma miscigenação étnica.

Tabela 1: Anos e números totais de batismo.

Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo	
Ano	Batismos
1755	29
1756	34
1757	66
1758	59
1759	24
1760	42
1761 ¹	08
Total Geral	262

Fonte: Primeiro livro de batismos, Rio Pardo/RS, Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA).

O primeiro batismo do livro, e também da paróquia, foi realizado no dia 24 de abril de 1755 e o último no dia 14 de abril de 1761. Todos os registros são assinados pelo Frei Faustino Antônio de São Alberto Silva, responsável geral da igreja, sendo raros os momentos em que é substituído. Os registros são padrões, apenas em casos omissos ou dependendo da minuciosidade de quem os relata é que se podem extrair dados não encontrados com certa frequência. Vejamos, como exemplo, o primeiro registro:

Aos vinte e quatro dias do mês de Abril de mil setecentos cinquenta e cinco, baptizei e puz os Santos Oleos à Izidoro, filho legítimo de Vicente Ferreira e de sua mulher Maria Ignácia, naturaes da Ilha Terceira. Foram padrinhos Matheus Simões Pires e Eugênia Roza; de que fiz este assento dia *era ut supra*. Fr. Faustino Antônio de S. Alberto S.^a (Rio Pardo/RS, Batismos 1755-61, livro n. 01, p. 01) [grifos meus].

A primeira parte do registro é composta: pela data do ato, o primeiro nome da parte (nunca sendo composto ou com o sobrenome), o tipo de filiação

¹ O ano é relativizado nas estimativas, pois é considerado incompleto, já que possui continuação no livro n. 2, não sendo esse, pois, o objeto de estudo.

(legítima, natural ou exposta), o nome dos pais (podendo haver, como no primeiro registro, a indicação de que são casados), a naturalidade dos mesmos e, quando há, a patente militar ou título do pai. No segundo momento, o registro contém a escolha de um casal de padrinhos para a parte, que possivelmente têm ligação afetiva com os pais, seguido do encerramento com o termo latino “*era ut supra*”, que indica a legitimidade da data do batismo, na imponência de que o ato realmente foi realizado na data referenciada, finalizando-o com a assinatura do relator. Obviamente, como os registros dependem da minuciosidade de quem os relata, podem deixar-se lacunas ou falta de informações, tais como o não fornecimento da naturalidade dos pais, até mesmo no nome do casal, ou da não escolha de padrinhos. Desse modo, a perspectiva do relator é primordial para a análise, pois julgando o que é ou não necessário para o registro, molda as informações ora fornecidas.

Na tabela 1, destacamos a data do ápice em que ocorreram os registros na paróquia, equivalente ao ano de 1757, com 66 registros, numa média anual de 42 assentos. 38 dos 66 registros de 1757 são de índios missioneiros (57,5%), sendo os casais pertencentes às Missões: 14 de São Nicolau, 13 de Santo Ângelo, 4 das Missões (sem especificação), 2 de São Borja, 2 de São Miguel, 1 de São João, 1 de São Lourenço e 1 de Santa Maria do Rio Uruguai. Esse fato revela-se curioso como consequência da Guerra Guaranítica (1754-56) e do deslocamento de centenas de índios para Rio Pardo, justificando não só o ápice em 1757, mas também o grande número de 1758.

[...] Os portugueses convencidos que não havia ouro e prata na região missioneira e com ameaças de rompimento de paz com a Espanha, retiraram-se para Rio Pardo, levando mais de dez mil guaranis, cavalos e gado vacum. Com esses guaranis fundaram S. Nicolau da Cachoeira em 1758, **S. Nicolau do Rio Pardo, em 1758** e Nossa Senhora da Aldeia dos Anjos (Gravataí), em 1762. O objetivo da transmigração dos guaranis para a Aldeia dos Anjos e para S. João Batista era afastá-los dos espanhóis que os utilizavam como milicianos (FLORES, 2006, p. 51) [grifos meus].

Da totalidade dos casais registrados, há a predominância de uma maioria branca (55,3%), seguidos, respectivamente, de um expressivo grupo de índios (27,7%), e de minorias de desconhecidos (9,5%), escravos (5,8%) e forros (1,7%), como se pode observar na tabela 2. Os registros de filhos de casais de escravos, forros e índios é nitidamente mais incompleto que o de brancos, contendo menos informações.

Tabela 2: Distribuição dos casais com filhos registrados.

Cor/Etnia	Homens		Mulheres		Total (n)
	N	%	N	%	
Branco	111	27,8	110	27,5	221
Escravos	04	1,0	19	4,8	23
Forros	04	1,0	03	0,7	07
Índios	53	13,2	58	14,5	111
Desconhecidos	28	7,0	10	2,5	38
Total	200	50%	200	50%	400

Fonte: Primeiro livro de batismos, Rio Pardo/RS, Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA).

Para compreender o cenário de formação da população rio-grandense, tal qual resultou na formação de características fisionômicas e culturais, basta analisarmos a porcentagem de “estrangeiros”, no sentido de pessoas não oriundas ou naturais do Continente do Rio Grande de São Pedro, que chegou a 98,2% da população branca registrada. Sobre a maioria branca, há uma esmagadora *maioria açorita* (72%), seguida de grupos menores de brasileiros (16,8%), portugueses (8,1%) e espanhóis (1,3%). Da totalidade da população branca e livre, apenas 62 não são açorianos, ou seja, quase $\frac{3}{4}$ da população registrada é de ilhéus, sobrando $\frac{1}{4}$ de migrantes de outras regiões da própria colônia, de Portugal continental e dos domínios sul-espanhóis. Esse dado nos revela a importância dos açorianos para o estudo de Rio Pardo e da influência de outras etnias/culturas para a formação da identidade local.

4. CONCLUSÕES

O povo açoriano, comprovadamente, teve influência na formação da população de Rio Pardo, agindo na sociedade, movimentando a economia, contribuindo com a cultura e a formação de um dos grandes municípios do século XIX, juntamente com Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha e Porto Alegre, tão pouco nesses municípios, mas de uma maneira a abranger o desenvolvimento do território do Rio Grande do Sul como um todo. Como nos propõe Flores (2006, p. 65), “no fim do século XVIII três vilas existiam na capitania: N. Sra. Madre de Deus de Porto Alegre, sede do governo e com a única câmara municipal; S. Pedro de Rio Grande e **N. Sra. do Rosário de Rio Pardo**”. Isso nos revela que, independente da composição social da vila de Rio Pardo, todos foram fundamentais na consolidação de efetivar e propulsar o mecanismo social. Tão somente podemos resumir a história ao grupo açorita, entendendo-o como uma das peças fundamentais para a montagem do mosaico humano local, mas alavancando uma sociedade brasileira à formação de uma identidade.

Poucos países juntaram, como o Brasil, tijolos e cimentos tão díspares em seu processo de constituição. [...] desse processo resultou um povo e, mais tarde, uma sociedade nacional. (RIBEIRO, 1978, p. 19).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros, I Teoria do Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.